

EDITORIAL

Caros leitores,

Neste início de ano, vamos promover uma grande alteração em nossa revista. Sua capa voltará às origens. Como representante de nosso Estado, o Pinheiro-do-Paraná, cuja foto foi utilizada nas edições mais antigas, retorna com toda sua majestade para a capa e contracapa da Estudos de Biologia, nas aquarelas de um dos mais importantes artistas de nosso tempo, o também professor e cientista Luiz Pilotto.

O Pinheiro-do-Paraná é uma das espécies mais belas e intrigantes da flora paranaense e brasileira. Conhecido cientificamente como *Araucaria angustifolia* (Bertoll.) O.Kuntze., pertence à família Araucariaceae e tem como área de ocorrência o sul da América do Sul. É uma espécie pioneira e heliófila, que ocorre em associação com outras espécies florestais, tais como a imbuia (*Ocotea porosa* (Nees et Martius ex Nees) Liberato Barroso), a erva-mate (*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.) e o pinheiro-bravo (*Podocarpus lambertii* Klotz.), compondo a característica Floresta Ombrófila Mista, paisagem típica do sul do Brasil, que faz parte do bioma Floresta Atlântica. Ocupando originalmente uma área de 7,5 milhões de hectares (43% de área do estado do Paraná), hoje se encontra reduzido a cerca de 150 mil hectares (0,75%), sendo considerada uma espécie ameaçada de extinção.

Apresentam forma típica de umbela (candelabro) quando adultas, podendo atingir até 50 metros de altura. Os ramos são pseudoverticilados em um caule reto, cilíndrico e uniforme, não-ramificado. As suas folhas são pontiagudas, perenes, coriáceas.

As suas sementes, conhecidas como pinhão, foram um dos componentes alimentares de indígenas, sendo utilizadas até os dias atuais, principalmente em festas típicas da região. São constituídas de uma massa amilácea, contendo o embrião e envolta pela folha carpelar e uma escama seca estéril. Esse fato chama atenção, pois ocorre de forma diferente das demais gimnospermas, cujas folhas carpelares permanecem presas nas pinhas.

Historicamente, no estado do Paraná, foi utilizada nos processos de avanço da colonização do interior do estado. Cidades como Londrina e Maringá tiveram suas primeiras instalações residenciais, comerciais e industriais construídas com madeira do Pinheiro-do-Paraná. Os nós da sua madeira apresentam alto poder calorífico, assim como a sua casca, sendo utilizados como combustível de caldeiras e fornalhas.

Retirada indiscriminada de madeira, ocupação de seus ambientes para culturas de pínus e soja, além da seleção genética negativa, trouxeram um grande impacto sobre a espécie, reduzindo a sua área de ocorrência a menos de 1% da original. Hoje se encontra reduzida a pequenos fragmentos ou capões, a maioria nas mãos de proprietários particulares, inclusive madeireiras.

Os processos naturais de polinização e de regeneração tornam-se mais difíceis, havendo a necessidade de intervenção humana para aumentar a taxa de sucesso e de manutenção da espécie.

Luiz Antônio Acra

(Professor de Botânica e Conselheiro Editorial
da Estudos de Biologia)